**DEU A LOUCA NOS CONTOS DE FADAS**

DEU A LOUCA NOS CONTOS DE FADAS, do Grupo Eis a Questão, da cidade de Horizontina, RS, é um espetáculo infantil, do mesmo Grupo que abriu o Cena Viva 2017, Festival de Teatro de Santa Rosa, RS, com o espetáculo adulto O ALIENISTA. O Grupo é formado por alunos do Centro Tecnológico Frederico Jorge Logmann, dirigido por Maria Aparecida Berwanger de Andrade.

O texto - cuja autoria não foi divulgada nem no folder do Festival e nem no material de inscrição entregue aos avaliadores -, narra a história de Bia, que tem por tio, o Bruxo Ratichin, de quem ela descobre o livro de magias e, aventura-se na tentativa de fazer algumas mágicas, indo parar no mudo do faz-de-conta, onde os contos de fadas se misturam, causando muitas confusões, sendo tudo organizado, ao final, com a presença do próprio Ratichin, que vem para estabelecer a ordem, fazendo assim, jus a que todos vivam felizes para todo o sempre.

O que mais se destaca, a priori, é a confiança do elenco, que se diverte e se expõe, sem nenhum resquício de constrangimento, tornando os 60 minutos do espetáculo em uma grande celebração, onde os atores se entregam prazerosamente ao ofício do que se propuseram, com uma invejável alegria de viver. Devido a isto, eles conseguem contaminar e envolver a platéia em seu desafio, embora a falta de técnicas e de intimidade com as convenções teatrais, principalmente no que diz respeito à utilização espacial, já que o espetáculo demanda espaços múltiplos, quase que para cada cena apresentada.

Os figurinos, de maneira geral, são bem resolvidos. O grande problema dos quesitos técnicos reside na trilha sonora excessiva e, praticamente toda ela, com sérios problemas de operação, chegando, em algumas passagens, a prejudicar o desenvolvimento da ação em curso.

Não posso me abster de dar um destaque, no elenco, a Pedro Ciervo, que já havia me agradado em O Alienista, e que aqui tem condições e oportunidade maior para expor seu talento latente e bruto que, se dele for interesse, pode vir a ser lapidado para futuros trabalhos (e até mesmo para o presente) o que, certamente, será de bom grado aos espectadores. Há outros que se destacam no elenco, porém, o maior destaque deles é o perfeito entrosamento e o espírito coletivo com que eles carregam o espetáculo, com naturalidade e espontaneidade.

Algumas questões pontuais podem ser melhor resolvidas, como gravação das falas da cena dos bilhetes que Bia lê, evitando o não entendimento dos mesmos, por serem emitidos da coxia; colocação do livro de Ratichin em lugar menos evidente, dificultando a sua descoberta pela menina; a realização desnecessárias de perguntas diretas à platéia, sem esperar ou fazer de conta que não ouviu a resposta; o castelo que se monta e desmonta, moto-contínuo, a cada mudança de espaço da ação, etc., etc., etc. Porém, reitero que, a energia e a vontade de fazer com que o elenco se joga à encenação são tão fortes, que aqueles percalços, acima citados, são relegados a um segundo plano. Só que, cabe ao grupo e à direção pesar os prós e contras, analisar o custo/benefício destas arestas a serem polidas, para que o espetáculo, que já é agradável de ser visto, torne-se, creio eu, arrebatador, como um verdadeiro 'carrossel de emoções', como já o é, a disponibilidade do material humano nele envolvido. E sabiamente aproveitado pela direção.

Antonio Carlos Brunet

Junho de 2017.